

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
— DE VILA NOVA DE FAMALICÃO —

DIRECTORES { DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

Feios meninos

Sim, porque, «dois a dois», formados, e verdadeiramente exibidos em nossas fardas marinheiras de colegiais, ao lado do menino bonito, apanhando o maximo das notas em todas as disciplinas, estranhei, desde criança, que feios meninos, na mesma fila, vermelhuços ou amarelentos, houvesse, conspurcados de notas ultra-pessimistas.

Para aqueles ia, no meu espirito atento de moço, uma consideração *in limine* estupefacta: pois se alguns esmoreciam, no recreio, a confissão de que o declinar do primeiro verbo em todos os latins, o verbo mais facil e universal, os engasguera como venerandas reliquias do autentico conselheirismo encartado.

Eram diligentes, olhos fuzilantes, e tímidos gestos, respiravam subida consideração; impunham suas graves maneiras — e, pela noite turgida, naquele vivo cemitério do dormitório, seu ressoroar moroso, ora, solenemente parecia ecoar nos cenáculos, ora, ao medido compasso do pinga-notas, arruflava em rajadas, lentas e graves, do hausto patriótico.

Se beru os lembro! Eram eles, ao tocar a sineta do levantar, os que se espreguiçavam aindam um gesto fatigado, o gesto fatal da nossa idade, a sua idade aos meninos bonitos, que logo trejuraram ouvir jamais, outra vez, em seu futuro, picar de sino que os não chamasse à missa ou para o jantar, apitar de fabrica, bater de horas, silenciosas horas de relógio que a tantos marcam, dia a dia, o minuto em que temos de arrancar o frete da vida.

Já então nos desferravamos da alcandorada prosápia, que não havia em nossos corações sombra nem sequer mazela de inveja, sorrindo, ao professor, descompondo-nos, do nosso limpo trabalhinho de mais pobres, e, muito dentro de nós mesmos, ao recordarmo-nos que, em nossa casa humilde, nos evocava saudosa, porque arremassados ao pélagos, a mãe santissima, o honrado pai, sem conhecer descanso, a irmã querida.

Eram eles, por certo, em sessões afamadas, que recitavam, com todos os dós de peito, os melhores discursos, e, em seus peitos, se abotoavam lindas medalhas, em ouro, de exemplar comportamento.

De exemplar comportamento! E nós outros, feios meninos, vá em dar graças quando passavamos, na disciplina moral, com o relissimo suficiente... Porquê?

EDUARDO DE ALMEIDA.

O caluniador e o difamador são, sempre, criaturas sem caracter, sem dignidade, sem honra. Contudo, desde que se constate o elemento publicidade, eles podem ser julgados e condenados severamente. Pior, mil vezes pior e mais nojento do que eles, é todo aquele que se serve da mais miseravel de todas as armas, — a denúncia.

Visado pela Comissão de Censura

A' margem dos livros... e da vida

De Paul Valéry, in *Variété*:

Falando da *Crise do Espirito*, em que nos lançou a guerra, e sua consequencia, num estudo admiravel, em que pergunta se a Europa estará condenada a ser no futuro o que é na realidade — um pequeno cabo do continente asiático, ou o cerebro de um vasto corpo, diz: «Há a ilusão perdida de uma cultura europeia e a demonstração da impotencia do conhecimento para salvar o quer que seja; há a sciencia, atingida mortalmente nas suas ambições morais, e como desonrada pela cruzada das suas applicações; há o idealismo, difficilmente vencedor, profundamente ferido, responsavel pelos seus sonhos; o realismo decadente, batido, acabrunhado de erros e de crimes; a ambição e a renuncia igualmente conspurcadas; as crenças confundidas nos campos de batalha, a cruz contra a cruz, o crescente contra o crescente; há os proprios scepticos, desequilibrados por acontecimentos tão subititos, tão violentos, tão comovedores, e que brincam com o nosso pensamento como o gato com o rato — os scepticos perdem as suas duvidas, encontram-as, voltam a perdê-las e já não conhecem os movimentos do espirito.»

Leão Martins é um valoroso moço vimezanense, que a dura lei da vida nos arrebatou para o Brasil, o Portugal da outra Banda do Mar, como lapidarmente o definiu o ilustre Alberto de Oliveira.

Prendem-no á terra natal as mais carinhosas simpatias, o amor fundamentalmente estimulante, mas também dolorosamente saudoso e nostalgico, da nossa luz, da nossa paisagem, e da nossa gente. Havia ensaiado, em 1915, sua inclinação poetica com a publicação do livro dos primeiros versos — *Musa vil* — nome paradoxal, que servia apenas

a disfarçar a modestia penitente do estreado. Mas, longe da Patria, a comoção alçapremou-lhe o genio instintivo, realmente dotado, como é, de boas e puras qualidades literarias. Em 1925, prefaciado por Rui Chianca, dava-nos um novo livro — *As Carapuças* — mordidas de graça, e, em 1928, — *Lá diz o dilado*... —, em edição de «Maranus». Já o li e reli; tenho-o aqui aberto em minha frente — não é louvor o louvá-lo, antes bem merece seu autor um sincero abraço de felicitações, no fundo um pouco magoadas por lá viver tão longe, mas não esquecido nem indiferente.

Dizem que — longe da vista,
E' longe do coração. —
Se o fosse, que comprimento
Tinha o sol da ingrãtidão?

Enveredou o poeta por bom caminho, o da poesia popular. E' a mais moça e fresca de todas as poesias. A todos delicia, a velhos e novos, mas sobretudo ás mulheres.

De Aldoux Huxley:

«O grande publico tem um apeteite cronico e canibal pelas indircções pessoais.»

Há realmente por aí á soltá uns canibais, verdadeiras sargetas de todas as putridas escorrecias dos soalheiros, que, não sabemos se á mingua de melhor occupação á massa liquida que lhes chocalha no cranio, mas com certeza pela maior miseria moral, se occupam e deleitam a farejar a vida alheia, ou para o regabofe antropofago do escandalo, ou para a denuncia equivocadamente comprometedora. Não são inofensivos, como honestamente parece, porque encontram quem faça roda e os ouça, mesmo entre aqueles que se presumem de honradez cavalheiros-catixa!

Original

Ainda não nos foi possivel dar vasão ao muito original que temos em nosso poder e algum do qual já está composto. No próximo número publicaremos «O Convento da Glória» do nosso colaborador Tenente Albano Cruz; «A Verdade», de Almeida Ferreira; «Com os meus botões», de Alberto de Macedo; e «A posição da Academia na Política», de Albano Pizarro.

A todos pedimos desculpa na demora da publicação, que é unicamente filha da absoluta falta de espaço.

Transcrições

Varios jornais têm transcrito alguns dos artigos publicados no nosso jornal, pelo que agradecemos devéras sensibilizados e destacaremos: *A Voz do Minho*, semanario republicano que se publica nos Arcos de Valdevez, que publicou em editorial a «Tribuna Livre» — Republica! — do nosso colaborador L. Coelho; e a «Republica», semanario republicano, que se publica em Viseu, que inseriu em suas columnas o artigo do nosso estimado colaborador Eduardo Salgeiro — «A Miséria da Pequena Imprensa».

Falam as choupanas de camponeses

Pulula a infancia na pobreza!...
Campos maninhos!...
E os berços cheios... Que tristeza!
¿ Como é que Deus seca a devesa,
Fazendo os ninhos?!

Vento, ¿ porque é que nos arrasas
Num turbilhão?!

Na enxerga fria tremem asas,
No iar extinto faltam brasas,
Nas arcas negras não ha pão!

O gado é morto, a seara é morta,
Morta a alegria.
O sol roqueima, a geada corta...
Anda um fantasma á nossa porta
De noite e dia...

Cadela tísica, sem dentes
Vesgo animal,
A fome d'olhos reluzentes
Uiva, chorando como os doentes
Num hospital...

Dobram os sinos, dobram os sinos...
Luto agoireiro!...

Enterram velhos e meninos...
Dobram os sinos, dobram os sinos...
Canta o coveiro!

Canta o coveiro e canta o cura...
Canto funéreo!

Pobres! dormi na sepultura,
Que a vossa cama é menos dura
No cemiterio!

Dormi, dormi!... sono d'arminho,
Reparador!

O catre é bom: tabuas de pinho...
Não precisais lençois de linho,
Nem cobertor!...

(Finis Patriae.)

Dormi, ó mortos do cansaço,
Dormi, dormi na cama nova!
Os astros choram pelo espaço...
Bem dita a enxada, mais o braço
Que ao cavador abriu a cova!

Olhai, olhai, vão em manadas
Os emigrantes...
Uiyos de dó pelas estradas,
Junto do cais, nas amuradas
Das naus distantes...

Velhinhas, noivas e crianças,
Senhor! Senhor!
Ao voar das ultimas esperanças
Crispam as mãos, mordendo as traças,
Loucas de dôr!

Lá vão levados, vão levados,
Pelo alto mar...
Adeus, ó noites nos eirados...
Adeus, ó beijos perfumados,
Beijos d'Agosto á luz do luar!...

Adeus divinos horizontes,
Inda a cantar nos olhos seus!
Adeus, manhãs doirando os montes!
Erva do campo, agua das fontes,
P'ra sempre... adeus!

Lá vão levados, mar sem fundo,
Longo das noivas e dos pais!...
Terras, Jesus! nos fins do mundo...
¿ Voltarão?... ¿ Quando, mar profundo?
Jámais! Jámais!

Morreu a vinha, não dá uvas...
E' morto o velho camponês...
Pedras levadas pelas chuvas...
Teto a cair... Orfãs e viuvas,
Luto e nudoz!

GUERRA JUNQUEIRO.

Estudantes liberais

João Martins Branco

Gascon y Marin foi o ultimo ministro que sobraçou a pasta da instrução na monarchia espanhola. Ouvido por um redactor do diario *Ahora*, de Madrid, poucos dias antes da queda do ministerio de que fazia parte e do regime que servia, sobre os movimentos academicos, fez, entre outras, as seguintes afirmações, que, por as julgarmos interessantes, transcrevemos: «Não ha duvida de que os estudantes sentem uma profunda, uma vivissima inquietação politica. Felicito-me por isso. E' a preocupação propria daqueles que hão-de fornecer amanhã a minoria dirigente das cousas do Estado. E' assim mesmo. Jovens politicos, reformadores, perscrutadores da organização e do futuro do país...»

Com vista aqueles que entendem dever a mocidade academica comportar-se como os comodistas, os cansados, os velhos postos de parte, como todos os que não têm já coração para vibrar, nem coragem para lutar pelo progresso e pela liberdade.

A' familia deste inditito estudante, morto em plena juventude, á academia republicana de Portugal, a que ele pertencia e na qual marcou um belo lugar pela sua persistencia no devotado amor aos principios da liberdade, o *Povo de Guimarães* manifesta a sentidissima expressão do seu pesar.

A cidade do Porto, a quando do seu funeral, viveu horas de intensa e profundissima emoção, apresentando um aspecto confrangedor de de luto e de saudade.

O espirito deste moço gentil foi juntar-se ao de tantos outros que a Republica rememora como seus filhos dilectos. A melhor homenagem que se poderá prestar-lhe, e a todos os mortos do regime, é lutar sempre, com abenegada coragem, com elevação e com fé, pelos ideais democraticos.

TRIBUNA LIVRE

O Mestre-Escola

De todos os ramos da actividade social, sem duvida e incontestavelmente, aquele que mais delicado se torna e que assume uma maior responsabilidade em seu exercicio, por isso impondo-se á nossa consideração e respeito, é o de Mestre-Escola.

Cabouqueiro de espiritos em bruto, a sua arte nobilita-se pela intelligencia com que maneja o escôpro, dando forma e vida ás circumvoluções do cerebro, criando-lhe o elemento «recordação», fazendo realçar a hipermnesia e intensificando-a gradualmente, em ar de fisiologista profundo e conhecedor, no desejo de atingir o fim que desenvolva a propriedade retentiva de outrem como se fôr a do seu próprio sentido.

O Mestre-Escola é o mais perfeito e o mais util funcionario da sociedade.

A sua figura relembra com insistencia, a miude, e nunca a recordamos sem que aos nossos ouvidos soem aquelas palavras de Paul Bourget, em «Le Justicier», concisas, justas e merecidas: «Quand on aime passionnément la pensée, on garde, á travers l'existence, une gratitude d'une qualité unique aux maîtres qui vous ont, les premiers, initié au travail sacré de l'intelligence. C'est la mystique de l'enseignement, sa profonde et noble poésie que cette paternité spirituelle, indéfectible comme l'autre, et qui veut qu'à la distance d'un demi-siècle vous retrouviions vivante en nous, l'empreinte spirituelle de certains professeurs».

Orientador dos nossos primeiros raciocínios, aqueles que mais se fixam e perduram no pensamento, o Mestre-Escola é merecedor, sempre e por tudo, da nossa indelével estima e veneração, do nosso carinho e auxilio.

Foi, pois, com jubilo, imensamente satisfeito, que vi iniciadas nesta cidade mais duas consagrações dos professores João de Deus Pereira e D. Estefania Maria Antunes, consagrações que são tambem o conforto moral e material a dois nossos semelhantes que não devem ter uma velhice de miséria, e cheia de privações, pelo muito que a sociedade lhes deve e pela alta missão que nela desempenharam.

Os meus aplausos á iniciativa dos ex-alunos dos dois professores e, para estes, as minhas homenagens.

L. COELHO

O aparecimento do nosso jornal

Referencias que lhe são feitas

Do *Noticias de Fafe*, de 23 de Abril de 1931, que transcreveu tambem a saudação «Ao Povo de Espanha»:

«O Povo de Guimarães»

Recebemos ha dias a agradável visita deste novo colega — jornal republicano que iniciou a sua publicação na vizinha cidade de Guimarães.

O *Povo de Guimarães*, novo baluarte onde se batem pela causa da Democracia os mais destemidos e valorosos pioneiros da Republica, vem cheio de valiosa colaboração e apresenta-se com um ótimo aspecto gráfico.

São directores de *O Povo de Guimarães* os distintos republicanos, srs. dr. David de Oliveira, dr. Eduardo de Almeida o capitão Duarte Fraga. No corpo redactorial deste brilhante semanario encontram-se o nosso prezado amigo, sr. Luis Filipe Coelho, brilhante jornalista e indefectível republicano.

Ao novo e prezado colega, do quem transcrevemos o artigo «Ao Povo de Espanha», desejamos uma vida longa e cheia de prosperidades, pois da sua acção destemida muito terá a lucrar a Republica.

Do distincto official do nosso exercito e valoroso republicano, sr. Capitão Antonio Soeiro da Costa, actualmente residente em Carrazedo de Tabuão, recebemos, datada de 20 do mês findo, uma carta de saudação e caloroso aplauso, com cujos termos em absoluto concordamos e que é reveladora de um espirito eminentemente democrata.

Da *Liberdade*, que se publica em Lisboa, sob a direcção do moço

COISAS E LOISAS

A quadra que decorre só cronologicamente é a primavera; climaticamente, é isto que se vai vendo, um inverno pegado, com chuvas ameadadas e um frio de Janeiro agreste.

Questão de luas, diz o Zé da Cancela. Será, embora me contrarie pôr de banda a catolica ideia de que tudo obedece á potencia divina. Será. Mas, a ser assim, como quer o astrónomo Zé da Cancela, justo é que os nossos legisladores, os futuros, está bom de ver, se vão preparando para levar ás Camaras a proposta que ha-de substituir a saragocânica formula «Deus super omnia» por esta, mais sensata e mais justa, «Lua super omnia». Deste modo, sabe a gente a quantas anda e deixa de deitar culpas no largo sacco ou nas largas costas dos deuses.

Apesar disso, apesar do carrimochinho do tempo, que mal deixa florescer as fruteiras e os jardins, as avesinhas andam numa roda viva, a gozar seus amores e a construir seus ninhos.

Ali, em frente á minha janela, onde velho tronco de hera se associa a nodoso e velusto roble, canta todas as manhãs um melro traquinas, brejeiro, que é um regalo ouvi-lo. E quando os meus canários lhe dão trela, o maroto refina na cantiga gorgeia, assobia, como que no desejo de só ele ser ouvido, batendo suavemente as asas de azeviche, alongando o pescoço esbelto, olhando o sol, como se só dele lhe viessem a inspiração e a voz, como se só do sol lhe viessem a harmonia e o estro.

Sallitando de ramo em ramo, cantando sempre, subindo sempre, vem colocar-se bem á vista dos canários, na pimponesca attitude de quem aceita um desafio. E, então, sim; então é que é ouvi-lo, ao marriola, que aprendeu a cantar, com certeza, na frauta do matreiro Par. A alegria effusiva em todos os tons e em todas as notas, a alegria de amar, a alegria de viver, a alegria de ser livre no mesmo espaço que enclausura os astros e prende e oprime os homens. Bem se esfalta o meu pobre *belga* a patentear-lhe as maravilhas dos seus trinados, a maviosidade dos seus gorgeios, em pretenciosas modulações. De tudo zomba, o fauno dos silvados, de tudo mofa, o maganão, rindo como um perdido destes presumidos que trocam liberdade e amor pela mesquinha razão cotidiana.

Cantar, eles que nunca ouviram a musica dos ventos na copa das arvores, o estrugir das águas na represa! Não sabe cantar quem não sabe viver, e os prisioneiros não vivem. Para cantar é preciso ser livre.

A liberdade é o principio de tudo; é a alma, a origem da vida. Os deuses, assobia o espartilhão, os proprios deuses succumbem e morrem, quando pretendem limitá-la, quando querem imolar a liberdade em seu proveito. Quantos deuses vencidos por ela!... Tão benéfica e tão necessaria como a luz do bom sol, como ela se esconde, ás vezes, para que melhor a apreciemos, para que mais a estimemos.

Viver, amar, cantar! Não é para cativos.

E, abrindo as asas, despediu-se veloz, com estridula e escarninha gargalhada.

Virgilio Marinha de Campos, um nome que se tem imposto á consideração de todos os jóvens republicanos portugueses, e que, com vibrante manifestação, nos teceu os mais rasgados elogios ao transcrever a local inserta no 2.º numero de *O Povo de Guimarães* sob a epigrafe «Liberdade»:

«Mais um paladino da causa republicana acaba de surgir garbosamente em Guimarães. Aparece no momento proprio pelo que nos congratulamos enviando á meu colega os nossos sinceros desejos de prosperidades».

O *Diario do Minho*, jornal clerical que se publica em Braga, insere, de vez em quando, o *inspirado* canto-chão de um poetaastro, que seria mimoso se não fôsse de musa preta.

Este patusco com P grande, isto é, este grande patusco, ataca a Liberdade com furia canina, imputando-lhe todos os crimes e todos os males — o roubo, o homicidio, etc. — e acaba por lhe chamar «monstruosidade».

Da pinta de Loyola, não tolera nem a livre consciencia, nem o pensamento livre, como se nestas comessinhas *coisas* estivesse todo o veneno que impasta a sociedade actual. Vai o seu impudor ou a sua insensatez, até ao ponto de escolheir com asinina raiva as gloriosas datas que a Republica comemora.

Comemorai os crimes com morteiros
E datas vergenhas com mil hinos;

E' verdade. Escreve isto, esta bestinha do Senhor, em jornal que se diz catolico e, portanto, neutro em matéria politica. Escreve isto e o mais, este alma do... Torquemada, arremetendo contra as leis que nos regem, as instituições que nos governam, o bom senso e o respeito que devem presidir aos nossos actos, certo de que ninguem lhe irá á mão.

Esquece o réles insultador, que a Liberdade só deixa de ser benéfica — e divina — quando dela abusam os ignorantes e os chicaneiros da sua força; quando em desvaivada licença a transformam os sectarios, os intolerantes, os fanáticos do seu jaez. Não se lembra, o grande... patusco, que uma Liberdade bem entendida nunca lhe permitira a prática da ignobil calúnia em que o seu rancôr se compraz, nem tão pouco, consentiria que a sanha de qualquer doido se exteriorizasse em vômitos insultuosos.

Este patusco, catolico, que nos dá em verso pretencioso a medida da sua estulticia, é, ao mesmo tempo, um sintoma e uma demonstração. Sintoma do que seria uma sociedade regida pela tirania religiosa, a mais intolerante e a mais brutal de todas as tiranias, e demonstração do pouco ou nenhum caso que os vassallos do papa fazem das ordens e conselhos emanados do Vaticano. Triste sintoma da revivescencia do *crê ou morres* dos tempos idos, demonstração cabal do retrogrado ideal politico que anima e excita certa cambada, que á sombra da religião trabalha e sua para o desprestigio da Republica e, implicitamente, para o exalçamento da monarchia.

O caso, infelizmente — ou felizmente? — não é esporadico, singular; o caso está a tornar-se vulgar. Raro é o jornal catolico que se mantém dentro das normas impostas pelos dirigentes da Igreja Catolica.

Segundo as pisadas de *A Voz de «Nemo»*, a maioria, a grande maioria dos órgãos catolicos, faz politica monarchica, luta pelo descrédito da Republica e não esconde a sua simpatia pelos regimes mais retrogrados.

Segundo as pisadas de «Nemo» denunciante e trampolheiro, a maioria dos jornais catolicos faz abertamente, descaradamente o jôgo dos partidarios de D. Manuel ou de D. Nuno, conforme as inclinações dos seus directores, vão mais para o foragido da Ericeira ou para o representante do ramo legitimista.

Esta é que é a verdade. O caso do poeta de musa preta, que insulta a Republica no órgão catolico de Braga, é vulgar; não é um caso virgem.

Os catolicos estão a abusar da Liberdade que tanto condenam, e abusam dela com manifesto prejuizo da Republica e das suas leis.

Justo se torna, por isso, que os republicanos voltem as suas atenções para o facto, para que no futuro melhor saibam dosear as regalias da tolerancia.

Em breves linhas

Em 1919, a Academia de Medicina (França) votou, por algumas duzias de votos a mais, a obrigação de todo o medico comunicar oficialmente, logo que fizesse o diagnostico, qualquer caso de tuberculose.

Votou contra o sabio Berthelot, dizendo que: «O verdadeiro remedio contra a propagação da tuberculose está na luta contra o alcoolismo, habitação imunda e as taras da miseria social.»

Depois do armistício, os maiores e os melhores trabalhadores intellectuais da França (filosofos e cardeais, cientistas e clérigos, poetas e ratos de cartorio) entalharam o gravissimo problema do ressurgimento das energias francesas.

Edouard Herriot, senador, teve esta frase celebre: «Negar a instrução técnica do lavrador é reincidir no crime daqueles que lhe negaram o direito á instrução elemental.»

Curiosidade de psicologia religiosa:

Ha na livre Inglaterra monarchica, cerca de Londres, mas todavia situado no largo âmbito da cidade capital, um collegio de Doroteias, entre as quais se devem contar, porque fazem parte do corpo docente, algumas religiosas portuguezas.

O Collegio é frequentado sobretudo por meninas filhas de protestantes e que são protestantes.

As mestras e as meninas são muito estudiosas, bem comportadas, e com grandes sentimentos cristãos.

Talvez alguma dessas proprias mestras, na sua passagem por Guimarães, não tivesse descoberto os mesmos sentimentos cristãos na educação familiar de muito fidelissimo praticante.

Ha já uns bons 13 anos que um cavalleiro da estranja, cujo nome só diremos se nos pedirem, inventou um aparelho por cujo dispositivo se interceptava a ouvidos curiosos as comunicações telefonicas, ou seja, destinado a evitar que outros ouvissem as conversas que entre si duas pessoas trocavam ao telefone.

Não sabemos o que foi feito do inventor, mas reamosos que tenha sido relegado a qualquer manicómio.

Uma pergunta inocente:

¿A que horas é, afinal, a missa das almas?

E' ás 6, horas novas? é ás 5, pelas velhas? ou é ás 4 e 24, pela hora antes dos fusos?

¿A que horas é, afinal, a missa das almas?

Isto da missa das almas vinha a outro proposito. Nós o que queriamos saber, mas o melhor é não perguntar, é porque não repicaram os sinos de S. Pedro? Sim, porque eles estiveram para repicar e repenar.

Mas a hora certa é talvez a mais incerta das horas.

Aos nossos assinantes

Prevenimos os nossos estimados assinantes que vai ser pôsto em cobrança o 1.º trimestre de publicação do nosso jornal, pelo que esperamos da parte de todos a quem o enviamos, a satisfação dos respectivos recibos, liquidando-os, para nos evitar despesas escusadas com as devoluções.

O sacrificio feito merece que seja reconhecido pela massa republicana, auxiliando-nos como lhe cumpre, pois só assim se explicará que todos estão ao nosso lado, fortalecendo este baluarte que denodadamente se encontra guarnecido para a defesa da Patria e prestigio da Republica.

Pela Republica Portuguesa

A derrota de 1891

Quando, ha quarenta anos, na manhã fria e nevoenta de sabado 31 de Janeiro de 1891, na cidade do Porto, eclodiu a primeira revolução republicana, a que assistimos, e que a traição da guarda municipal do então major Graça fez abortar, os monarchicos, gauderios, esfregando as mãos, davam-nos por definitivamente mortos. Afigurava-se-lhes que por termos tido meia duzia de partidarios fusilados e dezenas deles atirados para as prisões, para o degredo, e para o exilio, isto significava a morte do partido republicano, como se todo ele tivesse sido preso, deportado e fusilado! Dizia-se, e depois daquela derrota, como é que nos levantaremos mais? E republicanos houve que o acreditaram.

Se, olhando para a Historia, vissem o que ela nos diz e ensina, veriam que a França, não obstante ver estrangulada a sua primeira Republica, fez outras revoluções republicanas que foram sufocadas, saindo triunfante da de Fevereiro de 1848, que lhe deu a sua segunda Republica.

Esta Republica foi ainda estrangulada pelo golpe de estado de Bonaparte, em Dezembro, mas tendo um eclipse de vinte e um anos, não obistou, ao triunfo final da Republica em 1870! E, se olharmos para a Espanha! Quantas revoluções mal succedidas se não realizaram ali, antes da Republica de 1873? E quantas depois para o triunfo da de 14 de Abril de 1931!

Portanto, o hondo para a nossa, veremos, que, apesar dessa derrota formidavel que desorganizou e esfrangalhou o nosso partido, este, 7 anos depois, na mesma nobre e alta cidade do Porto, em 1898, elegeu os três deputados republicanos, dr. Afonso Costa, dr. Paulo Falcão e Xavier Esteves, que foram formidaveis no ataque á monarchia. E assim, de *étape* em *étape*, com valiosas e numerosissimas adições que constantemente affluem ao partido republicano português, este fez a revolução de 28 de Janeiro de 1908, contra a *ditadura do engrandecimento do poder real*, levada a efeito pelo Franco, que tendo instado pela prisão dos seus principais chefes, e não podendo dar a Republica, deu o regicídio.

Finalmente, depois de dois anos do regicídio e 19 da jornada sangrenta do Porto, esta nossa Republica fez se consolidadamente, seguramente, ha já 21 anos. Se a Historia é a mestra da vida, aprendam os republicanos, na sua lição, a serem mais idealistas e a não perderem o seu civismo.

A. B.

Primeiro de Maio

Mais uma vez passou o dia dos operários, dos trabalhadores.

Não são hoje, positivamente, as mesmas, as aspirações e as reclamações dos proletários. Desde o dia em que, em Chicago, alguns mártires tomaram, vão já muitos anos passados, e nesse decurso de tempo foram profundas e grandiosas as transformações sofridas por todos os países.

O operariado é uma força formidavelmente organizada, em algumas nações, pelo menos. Em Portugal ainda muito, muitissimo falta para que ele possa considerar atingida a effectivação de algumas das suas mais justas reivindicações.

A Republica foi feita para o Povo. Tem, portanto, a indeclinavel obrigação de o amparar, de o engrandecer, de lhe dar, com abundancia, o que, infelizmente, lhe falta: — pão e educação.

Não pode haver verdadeira democracia onde quer que os problemas sociais não sejam tratados com um largo e vasto critério de solidariedade humana.

Vida local

Melhoramentos na Penha

Segundo se lê na correspondência do *Faneiro*, inserta no numero de quarta-feira passada, reuniram-se, no dia 3, «na aprazível estância da Penha, a Comissão de Melhoramentos, Mesa da Irmandade, Comissão de Turismo e diversas entidades vimaranenses, para apreciar as importantes obras em andamento que, uma vez concluídas, muito hão-de engrandecer o encantador local».

Não estivemos presentes, porque não fomos convidados, o que, com certeza, se deve a esquecimento e não a falta de consideração. Fazemos votos, ardentes votos, por que na realidade, as obras em marcha continuem, de maneira a tornar possível que a Penha seja, dentro em pouco, aquilo que já ha muito deveria ser sob o ponto de vista turístico.

Segundo a mesma correspondência, o hotel deverá estar pronto a funcionar, em princípios de Julho.

Oxalá esta previsão se verifique, e não se repita o caso do ano passado, quando, com quasi certeza, se chegou a anunciar a sua reabertura para a época do S. João.

A Penha mereça-nos o maior carinho. Do que já se fez, do que se está fazendo e do muito que deverá fazer-se na nossa maravilhosa serra, falaremos com vagar.

Pelo Tribunal

Últimas distribuições:

Na audiência de 27 — Carta precatoria, para penhora, vinda de Braga, extraída da execução por custas movida pelo M.º P.º contra a massa falida da firma João Mendes Ribeiro & Filhos. — Escrivão Rodrigues.

— Carta precatoria, para nomeação de louvados, extraída do inventário por óbito de Silvino Fernandes de Magalhães, morador que foi na rua de Santa Catarina, da cidade do Porto. — Escrivão Lopes.

— **Na audiência de 27** — Acção de processo sumário, de Americo Sá & Irmão, com sede em Bougado, Santo Tirso, contra Miguel Guimarães e mulher. — Escrivão Lopes.

— Emancipação de João Afonso Mendes Ribeiro. — Escrivão Rodrigues.

— **Na audiência de 30** — Acção de processo sumário de D. Maria Ferreira da Silva, comerciante, de Figueiró da Lixa, comarca de Amarante, contra Julio Rodrigues Guimarães. — Escrivão Baptista.

— Acção ordinária de D. Maria da Conceição Barbosa Sampaio, de S. Martinho de Souto, contra Antonio de Araújo, Antonio Monteiro e mulher Maria da Conceição. — Escrivão Lopes.

— Inventário por óbito de Antonio Gonçalves, de Longos. — Escrivão Lopes.

Uma iniciativa morta

Já nestas columnas se disse, sem exagero, antes com amargurada verdade, o que é o vimaranense sob o ponto de vista da actividade particular posta ao serviço do progresso da terra. Desnecessário, porém, repetir a condenação de um mal, de um triste e irremediavel defeito, que de tão longe vem.

Apontado foi, como caso tipico, o da iniciativa do Teatro, levantada nas columnas de um jornal extinto *O Pró-Vimaranense*. Agora que, a proposito da recente autorização da reabertura do velho «D. Afonso», novamente se ventila essa questão, não queremos calar o que a tal respeito pensamos. Falaremos, porém, do assunto por partes. Nem o espaço, nem a índole da gazeta, consentem demasiados arrazoados.

Por hoje recordamos que a iniciativa do Teatro correspondeu, quando agitada pelo referido jornal, a uma velha aspiração de todos os vimaranenses, ansiosos ha muitos anos por terem uma casa de espectaculos decente.

Seria, pois, de esperar que alguma cousa mais se conseguisse do que boas palavras e melhores promessas. Infelizmente, e para vergonha de todos, não se passou de palavras, nem de promessas.

Para vergonha de todos, não; pessoas houve, das mais directamente ligadas á iniciativa, que saíram prestigiadas da luta que se travou, pessoas que, se tivessem á sua volta algumas outras que com o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação trabalhassem e se esforçassem, teriam conseguido obstar a que Guimarães fizesse, uma vez mais, triste figura. De entre elas, é bem salientar o nosso amigo e correligionario sr. João Teixeira de Aguiar, que foi incansavel e demonstrou bem o seu bairrismo inteligente e decidido.

A ver vamos se agora ainda se poderá dar um jeito a esta maldada questão. Continuaremos.

Mendicidade

Eis um problema que não pode ser resolvido pela policia, nem por qualquer medida de ordem administrativa, por melhor pensada que ela seja, tal o seu ambito enorme, e tão fundas são as mil e uma cousas que o determinam e os mil e um factores a que deve atender-se sempre que se pretenda dar um passo á frente para a sua solução.

Se muitas terras do país se queixam, e com razão, do confrangedor espectáculo da mendicidade levada até ao mais descarado exagero, a nossa pode fazê-lo mais energicamente que qualquer outra.

Na verdade, é espantoso o que por aí se passa. Este jornal, embora ainda curta a sua vida, já se ocupou, pela pena de um dos seus colaboradores assíduos, do assunto. Continuará fazendo-o, até que alguma cousa de pratico se resolva, quer por parte da iniciativa oficial, quer por parte da iniciativa particular.

Agora mesmo acaba de nos chegar á mão um decreto, publicado no *Diario do Governo*, do dia 6, que regulamenta a repressão da mendicidade nas ruas e lugares publicos. Não podemos ainda apreciá-lo devidamente, não sabendo por isso quanto as suas disposições poderão contribuir para a extinção de um tão grave mal. No proximo numero daremos aos leitores noticia das suas essenciais disposições, acompanhando-a de uma ligeira analise.

Oxalá se caminhe para a solução do problema.

Praga maldita

E' assim que a devemos classificar. Embora exagerasse um pouco, razão tinha aquele francês que foi pôsto na fronteira por ter dito que metade da população lisboeta vendia cautelas.

E' o que se vê. Não se torna preciso ir a Lisboa para o verificar; por essas terras fora, a praga dos cauteleiros tornou-se mais intensa do que praga de gafanhotos no sertão africano. Nesta cidade, o facto tambem se verifica.

Desde o «Chucha» ao «Narcizo», todo o fiel remendo vende lotaria. Especialmente aos sabados, é irritante e impertinente o pregão dos cauteleiros, que maça o bichinho do ouvido do cidadão pacifico, afugentando-o e tornando-o mal humorado.

Não desejamos tirar o negocio a ninguém.

Todos têm o direito de negociar. Mas, a verdade manda que se diga que a grande maioria dos vendedores de cautelas têm seu officio e não se concebe que o substituam por est'outro de berreiro e clamor.

Depois... o aspecto miserável como surgem á luz do dia, deprime e rebaixa.

E' vergonhoso, e envergonha-nos.

Errata

Quasi no fim do «Conto da Semana», onde se lê «Quando de manhã, entrou...» deve ler-se *Quando de manhã, a aurora entrou...*

Que o leitor nos perdôe a falta de revisão.

Missão Agrícola de Guimarães

Missões de podas

Veamos agora a importancia desta forma de assistencia agricola.

Um dos podadores, o que mais tempo permaneceu trabalhando neste concelho, podou 955 arvores frutíferas, vinha em bardo, durante 8 dias, vinha em ramadas e plantou e executou a poda de plantação de 100 barbados americanos.

Estas noventa e tantas arvores frutíferas podadas, se não representam mais do que uma pequena parcela das oliveiras e fruteiras do concelho, constituem sem duvida, cada uma, um padrão, o exemplo a seguir nos futuros anos, pelos jornaleiros que acompanharam os podadores da Escola Agrícola de Santo Tirso.

Não era nossa pretensão, como facilmente se compreende, fazer a poda das oliveiras, fruteiras e vinha de todo o concelho, mas sim espalhar a boa semente pelo exemplo, aqui e acolá, o que julgamos ter conseguido.

As arvores podadas pertencem ás seguintes espécies:

Oliveiras	443
Pereiras	
Macleiras	
Amelxoeriras	512
Possegueiros	
Total	955

Nas oliveiras fizeram as podas de formação e de frutificação, segundo a idade da arvore, configuração, condições culturais, etc., obedecendo a poda de frutificação ás suas quatro regras principais:

- 1.º Eliminação dos ramos verticais;
- 2.º Poupar os obliquos e pendentes, que são os mais frutíferos;
- 3.º Abrir bem a copa, para evitar que as flores abortem por falta de ar e de luz;
- 4.º Poupar os raminhos do ano transato, por ser neles que se desenvolve o fruto.

Nas fruteiras, a poda de formação executada pelos podadores, foi a forma em vaso, tambem denominada de taça, a mais aconselhavel, por ser a que está mais em harmonia com o vigor que a vegetação atinge no Minho e ainda porque dispensa o emprego de tutores especiais, arames, espaldeiras, etc., o que encarece a cultura.

E' certo que existem variadissimas formas artificiais, artisticas, de belo efeito decorativo, que são o encanto dos amadores da arboricultura, mas cuja applicação pratica não traduz valor algum na exploração em pomar.

A poda de frutificação, que tem por fim regularizar e melhorar a produção, e preparar a frutificação dos anos seguintes, foi sempre executada pelos podadores, em harmonia com o vigor da arvore de forma a estabelecer o equilibrio, attendendo á especie, distribuição da copa, condições culturais, etc. etc., applicando a poda severa, de 1 a 2 olhos, excepcionalmente, nos individuos velhos, doentes ou enfraquecidos; a poda normal, de 3 a 5 olhos, geralmente; e ainda a poda longa, de 6 e mais olhos, nas arvores robustas com pouca tendencia a frutificarem.

ERNESTO SILVA,
Regente agrícola.

(Continua).

Clamante

Apesar do muito que tem dito sobre este assunto a imprensa local, até hoje ainda não vimos que fossem tomadas, por quem de direito, aquellas medidas que impeçam o permanente espectáculo, diurno e noturno, que nos envergonha e põe uma nota de miséria e degradação nas ruas da cidade.

A policia, com um pouco de boa vontade, pode fazer muito. Questão é que haja quem a oriente como deve ser.

Bem sabemos que a substituição com os meios de que a actual sociedade dispõe, não pode extinguir-se. Mas o que pode, evidentemente, acabar, e de uma vez para sempre, pelo que respeita á nossa terra, é esse infamante, nojento e miseravel espectáculo a que assistimos todos os dias, sob a criminosa complacencia das autoridades.

CONTOS E NOVELAS

Sem a luz do amor

Por EDUARDO DE ALMEIDA

Bebeu ansiadamente outro goliño; já desaguado o moço, largaram a caminho.

— Ora vamos lá a ver isso.

Desceram até ao pontilhão do riacho, para novamente atreparem por carreiros abertos no tojo, ou na ravina, havia, agora, na lucilação das estradas um fulgor mais vivo, logo desmaiando ao escoar palido da madrugada.

Pela mudez espessa das cousas, nem viva alma, o Joaquim abrigava-se confortado como num cobertor de lã. Deu esquinada volta, a afastar-se da residencia, procurou o atalho cortando as sebes agrestes e solitarias.

Então, despedido o fedelho a esperá-lo á entrada do presbitério, subiu o muro de cascalho, deixou-se cair molemente na foia terra de pastio, e venceu a rampa. Seus olhos cortaram o horizonte a todos os ventos; mediu os campos, como de palmo a palmo, deitando os calculos ás semeaduras e colheitas; baixou-se, tomou e esfarelou, devagar e atento, um punhado de terra viçosa de humus; estorceu nos dedos uma folha de vide.

— Que lindo! — murmurava — só faltam, mas faltam aqui minhas ricas mãos de lavrador. Até parece, Deus me perdôe!, sujo pecado — um lido que não rende... o que deve; um bonito que não presta... o que vale.

O paquete dormitava, abraçado ao pescoço da cavalgadura. Ia bater a primeira argolada no portal, quando a Josefa safa, limpando os olhos vermelhos ao avental de riscado.

— O' sr. Joaquiminho, que pena, e que desgraça tamanha!

— Já expediu?

— Agora mesmo.

O lavrador tirou o chapéu; deteve-se, um momento, comovido.

— Aonde ia, agora?

— Avisar. Ao senhor reitor novo, e ao Laranjo, que o tem de lavar e vestir, e para que trate do caixão.

Entraram ao eido. Maria Teresa, porque o ouvira, já vinha assoando ao alto das escadas, na varanda, mas arripiou-se ao vô-lo. Tinha a face descorada e enxuta.

— O nosso Marcelino...

— Já sei, coitado! Serviu a Deus — Deus lhe tomará contas. E é que não temos outro remédio senão resignar-nos. Manda a Josefa recolher e pensar o animal.

Ela teve uma sacudidela nervosa:

— Era um homem piedoso e justo.

Joaquim, para despigarrear uma lagrima entalada na garganta, abanou as orelhas do moço:

— Raio do dorminhoco!

Corrida a pausa, voltou:

— Tem de ser... Querias vê-lo.

Subitamente vencida de comoção, Maria Teresa apontou-lhe o quarto, e fugiu para a cozinha, ao fundo da varanda.

Pela janela entrava a manhã, roxa e fria, direita ao cadaver. Estremeceu e ajoelhou. Então viu-se em pequeno, muitos anos antes, ao chegar ao patio, todo esbaforido do sol, a deitar os bois. Pai Antonio regava a horta, fiava na roca a mãe Curseira, e o Marcelino, a um canto de sombra, mais tímido e enfiado, parecia embebido nas luzes... e a Micasria, ao desafio com os melros. Levava Deus o Pai Antonio, a Mãe Curseira, e o Marcelino. Um dia, os seus filhos o veriam a ele, tambem, naquele estado de morto. E a vida continuava debaixo do sol, subiam e desciam as enxadas a destorrear as leiras do centeio e do milho, nos seculos para diante como nos seculos para trás. Desmudara de côr, mas ergueu-se e limpou os olhos ao canhão do casaco. Um braço do cadaver estava descaído sobre o bôido da cama, e, seguindo o norte da mão, parecia-lhe que apontava a cômoda. Do travesseiro saía uma pequena chave. Tomou-a, e foi logo direito á gaveta do meio. Olhou a porta cerrada; escutou o silencio.

Os olhos do padre estavam ainda abertos. Quis cerrá-los com os dedos, mas gemeram, e tornaram-se a abrir, arregalados. Vinha o sol transpondo a montanha. Voltou a comprimir as palpebras, mais demoradamente. Do lavatorio pendia uma toalha, lançou-lha sobre o rosto. Cantavam os galos. Então, abriu de repelão a gaveta. Mesmo por cima, estava uma folha de papel — «A meus irmãos Joaquim e Maria Teresa». Tornou a ler o seu nome. O coração rufava como um tambor e a luz das velas agitava-se nas chagas do Crucifixo.

Era uma carta de poucas linhas, em letra nervosa, como o pulsar custoso das artérias. Pela primeira vez agradeceu a Pai Antonio sempre o ter mandado á escola.

Talho Municipal

A's donas de casa

A convite do nosso prezado amigo e distinto veterinario municipal, sr. dr. Joaquim de Barros, ha dias visitamos as instalações do Talho Municipal que vai abrir brevemente, junto á Praça do Mercado, e, com franqueza, ficamos belamente impressionados com o asseio e limpeza que já se denota ali.

Amplio, espaçoso, com entradas para a Praça do Mercado e para a calçada de acesso á rua de Paio Galvão e escadas de S. Domingos, o Talho Municipal impõe-se aos vimaranenses e, de futuro, será o protector da bolsa do consumidor que vinha pagando a carne mais carado país.

De esperar é que, desta feita, não aconteça o que já tem sucedido inumeras vezes: a troco de falsas promessas que desprezem a iniciativa camararia pela particular.

No Talho Municipal terão a carne pedida, o péso requerido e o preço em conta, tencionando aquella entidade fazer tambem a distribuição do domicílio, o que evitará que as criadas se demorem e aleguem pouca presteza no serviço.

As donas de casa não deverão fiar-se em cantatas mas sim auxiliar esta nova iniciativa, com todas as probabilidades de duração, que lhe aliviará um pouco as despesas.

Feiras ou festas?

Estamos a três mezes escassos da época em que, noutros tempos, saudosos tempos!, se costumava realizar com brilho, algumas vezes até com esplendor, as festas gualterianas, as festas da cidade.

Que pensa a Associação Commercial fazer este ano: — Festas ou feiras?

No caso de não se efectuarem as festas, saindo assim fora da regra geral de todas as terras que se prezam e desejam tornar conhecidos os seus recursos e as suas possibilidades, que ao menos as feiras sejam qualquer cousa de decente, com atractivos para os forasteiros, e decentes e compensadoras retribuições materiais para os que a ela enviem os seus gados.

A não se tratar disso com cuidado e diligencia, começando-se desde já, porque todo o tempo é preciso, as feiras irão, pelo mesmo caminho das festas: — desaparecerão para sempre, mostrando nós, como em tantas outras cousas já succedeu, que só somos bairristas para cantar o «O' Guimarães, teu progresso, tua vida, tua vida para mais nada...»

Na CASA HIGH-LIFE e sua sede encontra-se sempre sortido variado de artigos de novidade a preços muito reduzidos.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães

Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

CASA HIGH-LIFE

Toural-Guimarães

TELEFONE 49

E' HOJE A CASA, NO SEU GÉNERO, MAIS BEM SORTIDA E QUE, EM PREÇOS, OFERECE MAIS VANTAGENS

Modas, tecidos de seda, lã e algodão; tecidos para camisas de homem e senhora; bretanhas, panos bordados e de renda, colchas de seda, echarpes, véus, sevilhanas, chales de seda bordados, sombrinhas, bengalas, malhas para homem, senhora e criança, meias, plugas, camisaria, colarinhos, gravatas, artigos de bordar, cintas elásticas e elásticas para cintas e ligas, perfumaria, sabonotes, artigos para luto, miudezas, etc., etc. Esta casa já recebeu parte do seu sortido para a próxima Estação do Verão e breve espera completar o seu grande e inigualável stock de fazendas adquiridas nas principais casas da especialidade.

SEMPRE NOVIDADES

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43—RUA DA REPUBLICA—47
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

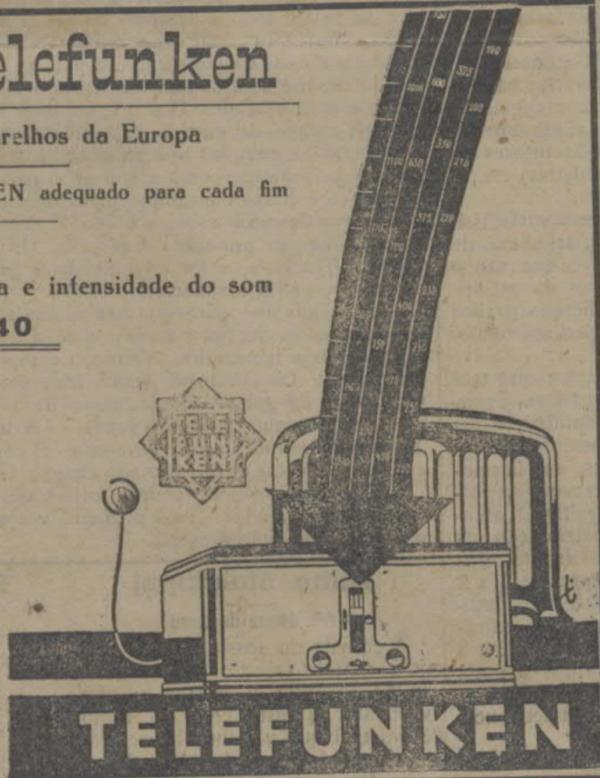
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente desseminalado. Peça V. Ex. uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante
das maquinas de escrever L. C. SMITH
e CORONA, que são reputadas ás de modelo
mais perfeito e as de maior duração

28—Rua 31 de Janeiro—30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —
Papeis de em-
balagem, Fio,
Papellão e ma-
quinas de es-
: : crever : :

PAPELARIA CENTRAL

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 149

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

DROGARIA TOURAL

DE

João Garcia de Almeida Guimarães

P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Tintas, Vernizes e Vidros

TELEFONE 68

"O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33

GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	28\$00 >	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20\$00 >	Comunicados, linha	\$60 >
Estrangeiro	40\$00 >	Imposto do selo	\$15 >
Número avulso	\$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex.ª Snr.

Redação da "Revista de Guimarães"

Guimarães

FABRICA DE GUARDA-SOES E CHAPEUS

DE

Faria & Fernandes, Limitada

51—Largo Prior do Crato—54

(GUIMARÃES)

49—Praça D. Afonso Henriques—50

(FILIAL)

Telefone n.º 79

Agentes oficiais dos pneus

Firestone

Representantes do capacho

Ideal